



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

1

## **MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: UM ESTUDO SOCIOLOGICO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA.**

Maria Denize Santos Peixoto  
Assistente Social, Mestranda em Ciências Sociais  
Universidade Federal de Uberlândia  
denize\_peixoto@hotmail.com

### **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho está atrelado a uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento, que diz respeito a minha dissertação de mestrado da Pós- Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia<sup>1</sup>. Especificamente, nesse estudo preliminar que ora apresento foi efetuado uma abordagem com estudantes africanos ativos ingressantes na UFU, através do Programa Estudante-Convênio de Graduação - PEC-G, tendo como objetivo analisar e compreender suas experiências, percepções do cotidiano e a construção das relações sociais no âmbito acadêmico e social.

A mobilidade acadêmica não é um fenômeno atual e sim, uma prática recorrente desde o século XIII com a criação das primeiras escolas européias nas quais professores e estudantes de diferentes regiões e países, representando comunidades internacionais, se reuniam com motivações diretamente associadas à natureza universal do conhecimento, ao ensino, produção e difusão do saber.

De acordo com Santos (2002), a partir do século XV com as grandes navegações e a expansão da civilização européia o mundo tornou-se global com uma economia globalizada desde o século XVI, e que apesar dos processos de globalização se intensificaram enormemente nas últimas décadas, já estavam contidos no capitalismo desde a sua origem.

A globalização, embora seja um processo primordialmente econômico, tem gerado exposição e aumento das diferenças por afetar também os aspectos político e

---

<sup>1</sup> Mestrado em Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Área de concentração: Sociologia e Antropologia / Linha de Pesquisa: Cultura, Identidades, Educação e Sociabilidade) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



social e interferir em todos os níveis e classes sociais, inclusive nos campos da educação e da cultura. Desse modo, verifica-se um forte impacto ao sistema acadêmico internacional, com rebatimento intenso na internacionalização da educação e na mobilidade dos estudantes.

De acordo com Miura (2006), esta internacionalização constitui-se em um processo e ao mesmo tempo uma resposta à globalização e inclui tanto aspectos locais como internacionais, ou seja, elementos interculturais. A autora argumenta que além de ser uma resposta à globalização, são muitas as razões que podem conduzir as Instituições de Ensino Superior (IES) ao processo de internacionalização do ensino, e cita como exemplo:

- (i) razões políticas (busca pela paz e entendimento mútuo);
  - (ii) razões econômicas (preocupação com a competitividade e crescimento econômico);
  - (iii) razões socioculturais (expansão de valores morais e nacionais);
  - (iv) razões acadêmicas (qualificação das pessoas para o mercado de trabalho, reputação da IES, qualidade do ensino, pesquisa e serviços, exposição cultural decorrente da mobilidade de estudantes e professores).
- (Idem, 2006, p. 5)

Além dos argumentos acima expostos, existem benefícios e obstáculos concernentes à busca da dimensão internacional do ensino. Pode-se citar como aspecto benéfico, o aprimoramento dos estudantes devido à exposição cultural e a interação dos professores com pesquisadores estrangeiros. No que se refere aos obstáculos de suporte à internacionalização pode-se destacar a ausência de estratégias programáticas (dimensão internacional do currículo, conciliação de créditos, acordos internacionais de pesquisa) e a fragilidade das estratégias organizacionais (política de internacionalização, articulação de razões e objetivos, missão e política da IES, alocação de recursos, apoio financeiro, apoio para socialização de estudantes de outros países).

Igualmente, a globalização afeta profundamente as IES's devido ao papel internacional que estas passam a desempenhar com a necessidade dos ambientes acadêmicos universitários acompanharem as demandas da sociedade; também, estas instituições promovem maior diversidade cultural e a diversificação e expansão dos seus quadros de pessoal com o incentivo dado à mobilidade de professores, estudantes e ao quadro administrativo.



Portanto, a mobilidade internacional desempenha um papel central na internacionalização do ensino superior, por facultar maior interação e melhor compreensão das diferenças entre culturas e atores sociais de países distintos. As universidades, além de fornecerem a formação e o treinamento dos recursos humanos requeridos pelas instituições, são responsáveis pela produção de pesquisas básicas e aplicadas que impulsionam a inovação em diferentes áreas do conhecimento.

Embora a crescente importância econômica e política conquistada pelo conhecimento e pela educação superior constituam-se em fatores desencadeadores para a internacionalização da educação, outros aspectos também podem ser abordados. Lima e Maranhão (2009) elencam categorias de fatores com poder de influenciar a decisão de acadêmicos determinados a estudar no exterior, são elas: sociocultural, acadêmico, econômico e administrativo.

**Quadro 1:** Aspectos que influenciam o estudante na escolha do país de destino.

Fator	Aspectos
<b>Sociocultural</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Língua do país de destino;</li><li>- Proximidade cultural e geográfica entre o país de origem e de destino;</li><li>- Existência de grupos de estudantes originários do país de origem, no país de destino;</li><li>- Qualidade de vida no país de destino: clima, atividades culturais e turísticas etc.</li></ul>
<b>Acadêmico</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Diversidade de oferta de programas e cursos pelo sistema de educação do país de destino;</li><li>- Reputação e percepção de qualidade do sistema educativo existente no país de destino e dos estabelecimentos educacionais, em relação ao país de origem.</li></ul>
<b>Econômico</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Ligações econômicas pré-existentes entre os países que exportam e que acolhem estudantes;</li><li>- Existência e acesso à infra-estrutura destinada a estudantes estrangeiros: seguro de saúde, alojamento, restaurante universitário, cursos de língua, etc.;</li><li>- Valorização das competências desenvolvidas, pelas instituições do país de origem;</li><li>- Comparação entre os custos financeiros (taxas de inscrição, mensalidade escolar, custo de vida etc.) envolvidos na formação oferecida nos países de origem e de destino;</li><li>- Possibilidade de trabalhar durante os estudos e obter algum recurso financeiro;</li><li>- Existência de oportunidades no mercado de trabalho e possibilidade de permanecer no país de destino após o término do curso.</li></ul>
<b>Administrativo</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Equivalência do diploma expedido pelo país de origem, no país de destino;</li><li>- Efetiva possibilidade de estudantes estrangeiros terem acesso aos cursos desejados no país de destino;</li><li>- Validação do diploma expedido pelo país de destino, no país de origem;</li><li>- Facilidade de obter visto de permanência no país de destino.</li></ul>

Fonte: Lima e Maranhão (<http://www.inpeau.ufsc.br>)

No Brasil, desde o início do século XX já existia uma preocupação das universidades em desenvolver programas internacionais, e nas últimas décadas tem sido



forte a pressão exercida pela economia globalizada para adaptação das universidades brasileiras frente às novas circunstâncias.

Nesse contexto, a internacionalização do ensino superior para estudantes estrangeiros no Brasil baseia-se em Programas de Mobilidade e em Convênios de Cooperação Acadêmica entre universidades brasileiras e as de outros países em desenvolvimento.

O Programa Estudante - Convênio de Graduação / PEC-G regulamentado pelo 5º Protocolo do Ministério de Relações Exteriores - MRE e do Ministério da Educação, se constitui em um programa de cooperação internacional efetivado entre o Brasil e outros países em desenvolvimento especialmente aos da África e América Latina. Visa proporcionar aos cidadãos desses continentes o acesso a cursos de graduação em instituições de ensino superior brasileiras.

Segundo dados do Ministério da Educação e Cultura – MEC os estudantes provenientes de países africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP's (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) ocupam em média 69,7% das vagas oferecidas pelas IES's (<http://portal.mec.gov.br>). Ainda, dados da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e Cultura, relativos ao processo de seleção 2008-2009 demonstram que entre os cursos mais procurados pelos candidatos ao PEC-G estão os diferentes cursos de engenharia, medicina, administração e ciências econômicas (<http://www.brasil.gov.br>).

Na Universidade Federal de Uberlândia a adesão de estudantes ao programa PEC-G tem sido crescente; em 2007 - três estudantes; em 2008 - nove estudantes, em 2009 - quinze estudantes, e em 2010 - catorze estudantes ingressaram. (<http://www.dri.ufu.br>)

Para atender o objetivo da pesquisa foi utilizado um marco teórico a partir de Simmel (2005), da sua concepção de estrangeiro numa discussão sobre o outro - o olhar do estrangeiro sobre a UFU, a cidade, o país, aliado aos conceitos sociológicos de sociabilidade, interação social, e capital social.

Simmel (2005), no seu ensaio sobre o estrangeiro faz uma análise das interações entre os membros do grupo e aquele que vem de fora. Utiliza o termo “estrangeiro” não como a “noção de estrangeiro no sentido habitual, em relação àquele que vem hoje e



amanhã se vai, mas como o que vem hoje e amanhã pode permanecer”, ou seja, refere-se àquele que se muda de um lugar para outro e não vai embora logo (2005, p. 265).

O autor considera esse indivíduo como não pertencente ao grupo, mesmo sendo um membro orgânico, pois vive a partir da visão de estranhamento, um paradoxo: está geográfica e fisicamente próximo ao grupo a que pertence, mas psicológica e culturalmente distante; está perto e longe ao mesmo tempo. O estrangeiro por ser alguém vindo de fora, possui uma capacidade de julgamento e de observação diferenciado dos pertencentes ao grupo (à sociedade) devido às características essenciais que possui por ser membro de outro determinado grupo.

Assim, ao conviver cotidianamente próximo e envolvido nas relações, o estrangeiro tem ao mesmo tempo uma relação de proximidade e envolvimento com o grupo, entretanto, como frequentemente é tratado tal qual um "de fora", e se sente à parte muitas vezes pode desenvolver um sentimento de distância e indiferença. O estrangeiro é, portanto, o estranho portador de sinais de diferenças, como a língua, costumes, alimentações, modos e maneiras de se vestir. Ele não partilha certos preconceitos do grupo e não se sente forçado a agir como um dos membros.

Para o autor, é importante perceber que nós construímos estereótipos através de práticas representacionais, que resultam na redução do objeto a poucas características, e as diferenças a partir de um viés ideológico são claramente fixadas e marcadas, numa tentativa de fixação da representação sobre o “outro”. Essa representação do “outro” acontece como imposição de normas da cultura de uns sobre os outros, a visão de mundo dominante é estabelecida com um sistema de valores que passa a parecer natural e inevitável.

A motivação para esta discussão, tomando como referência a perspectiva de Simmel sobre o estrangeiro, se deu mediante a possibilidade de compreensão do seu olhar diferenciado - dada a sua posição de “estranho” -, que resulta em uma forma específica de interação social. Visto que este é portador de uma diversidade cultural procuro, neste sentido, compreender como no seu novo espaço cotidiano ele reconstrói a sua sociabilização. Segundo Baechler (1995), a sociabilidade é a capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais e coletivas fazem circular informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões;



como socialidade o autor considera: a capacidade humana de manter coesos os grupos e as redes e de lhes assegurar a coerência e a coerção que os constituem em sociedades.

De acordo com Giddens (2005, p 82, 83), a interação social é um “processo pelo qual agimos e reagimos em relação àqueles que estão ao nosso redor, (...) e que o estudo de formas aparentemente insignificantes de interação social é de maior importância na sociologia”. Considera então, que estudar a vida cotidiana pode revelar o papel que ela desempenha na moldagem das percepções do mundo no qual estamos inseridos. Desse modo, traz o entendimento de que as nossas rotinas diárias dão estrutura e forma ao que fazemos, e que organizamos o dia a dia das nossas vidas baseadas nas repetições de padrões similares de comportamento.

Cita como outra razão para o estudo da interação social o fato de que a realidade não é fixa nem estática e os seres humanos podem moldá-la agindo criativamente de acordo com as suas percepções, interesses e motivações e complementa que “aquilo que os indivíduos e a sociedade percebem e entendem como realidade é, em si mesmo, uma criação da interação social dos indivíduos e dos grupos”. (2005, p. 96).

Nesse sentido, o indivíduo enquanto ator social com a ampliação das suas redes de relações, tecidas no processo de interação, pode construir as suas sociabilidades e a criação de capital social.

Bourdieu (1980) ao reintroduzir o conceito de capital na teoria sociológica irá considerá-lo sob três formas: o capital econômico, que diz respeito ao trabalho humano acumulado e convertido em dinheiro/propriedade, endossado nas contas bancárias; o capital cultural, relacionado à qualificação educacional, que confere credenciais, valorização e encontra-se inserido na mente dos indivíduos e o capital social, que se refere a títulos nobiliárquicos, reside nas estruturas sociais

Nessa perspectiva, capital social está inserido nas estruturas das relações sociais, e para adquiri-lo o indivíduo necessita se relacionar com outros por serem estes a fonte dos quais se beneficiam. Esses benefícios são angariados por virtude de pertença a um grupo e constituem-se na própria base em que a solidariedade se funda e que os torna possível.

A estrutura do capital social é formada por ligações entre atores sociais de campos diferentes que ao moverem-se tendem a estabelecer novas redes de relações ao



se juntar às formas anteriores e às vezes conseguir mudar o volume do capital social. Desse modo, o indivíduo vai se integrando e interagindo na sociedade, e ampliando as possibilidades de efetivar escolhas mais qualificadas. Essas redes de relações sociais não estão dadas naturalmente, resultam de estratégias a nível individual e coletivo, conscientes ou inconscientes que vão estabelecer e reproduzir as relações sociais.

Segundo o autor, o conceito de capital social se correlaciona a recursos reais ou latentes, presentes em relações sociais mais ou menos institucionalizadas, onde os participantes concordam e se reconhecem mutuamente como partícipes dessa interação.

O tamanho e a intensidades das conexões sociais, junto com o capital econômico e o cultural mobilizado pelo indivíduo ao seu favor, estão diretamente relacionados ao volume do acúmulo de capital social por ele angariado, o que demonstra ser o capital social uma forma extremamente importante, mais não independente das outras formas de capital.

Em decorrência do estabelecimento da reprodução das relações sociais ocorre a transformação das relações contingentes, (com a vizinhança, no local de trabalho, nas instituições, etc.), daí são produzidos elos de obrigações subjetivas (sentimentos de gratidão, amizade, respeito), que contribuem para criar e potencializar o capital social. Ao serem construídas essas ligações o ator tem um ganho a partir do momento que estabelece essas relações, então, nessa concepção, Bourdieu individualiza o capital social porque delega às pessoas a responsabilidade da transformação social, e embora ele esteja pensando no âmbito da sociedade, atribui essa importância a ação do indivíduo.

Dessa forma, a compreensão do olhar do estrangeiro permite visualizar como são construídas as redes sociais, os padrões de organização familiar, vínculos de amizade, comunitários, e de ajuda mútua e solidária em assuntos econômicos e sociais. A partir dessa perspectiva serão abordados os aspectos metodológicos e de pesquisa referentes a realização do trabalho.

## **2 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA**

No processo de elaboração do estudo a unidade de análise foi o Programa Estudante Convênio - PEC-G/UFU. A pesquisa foi realizada com o universo dos



estudantes africanos com vínculo acadêmico com a instituição após levantamento efetuado em banco de dados fornecido pela Diretoria de Relações Internacionais – UFU, e a partir do qual todos discentes ativos foram contatados, e, pesquisados os que se dispuseram a participar. A técnica utilizada foi questionário semi-estruturado<sup>2</sup>, os dados coletados entre os meses de março e abril de 2010 e o tratamento dos mesmos efetuados a partir de estatística descritiva, e analisados conforme pesquisa bibliográfica.

Trata-se de um estudo de caso, num trabalho preliminar para inserção num projeto mais amplo do curso de Mestrado em Ciência Sociais da UFU. Portanto, os resultados não poderão ser generalizados, expandidos ou aplicados à população total de estudantes convênio PEC-G em qualquer instituição da unidade federativa. Entretanto, esse estudo preliminar, fornecerá os subsídios necessários para aprofundamento do tema e posteriores investigações.

A técnica de grupos focais foi pensada como opção para coleta dos dados da pesquisa, entretanto não foi levada a êxito, devido às dificuldades encontradas para contato com os estudantes. Assim, dada a exigüidade do tempo para conclusão deste trabalho preliminar, optou-se por questionários semi-estruturados, respondidos devido à rede social de uma das estudantes africanas que se disponibilizou a colaborar na distribuição e coleta do material.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A seguir serão analisados os resultados obtidos com os estudantes explorando informações gerais, individuais e familiares, como também alguns aspectos relacionados à etapa pré-deslocamento, à inserção nos espaços social e institucional, e à percepção da cultura, lazer e sociabilidade. Os registros correspondem a estudantes africanos do PEC-G com vínculos acadêmicos com a UFU, num recorte temporal do 1º semestre/2007 ao 1º de 2011.

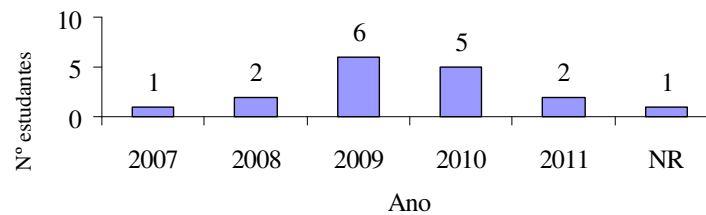
Na análise comparativa por ano de ingresso desses discentes observou-se que há uma tendência ascendente de entradas nos anos de 2009 e 2010 e um decréscimo no ano

---

<sup>2</sup> Elaborado a partir do modelo utilizado por Miura (2005).

posterior, (conforme gráfico 1 abaixo). Desse modo, tendo a maior parte dos estudantes ingressado na UFU a mais de um ano, considera-se esse tempo suficiente para que os mesmos tenham desenvolvido a percepção sobre a UFU e a cidade.

Gráfico 1: Estudantes Africanos do PEC-G por ano de Ingresso na UFU



Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados obtidos no questionário

Na análise dessas entradas ficou evidenciado diferencial no volume por país de procedência. Tomando-se como referência o universo pesquisado, a maior demanda, 10 estudantes procederam da Guiné-Bissau; 3 da Angola; 2 de Cabo-Verde; 1 veio de Benim e outro de São Tomé e Príncipe. No universo de 17 estudantes pesquisados, todos são solteiros, 11 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idade entre 20 a 27 anos. Observou-se que 15 são negros, 1 pardo; e outro não respondeu.

Em relação à situação acadêmica, quando perguntado se houve transferência para outra Universidade, todos responderam que não, num indicativo de procedimento não usual entre os conveniados PEC-G pesquisados.

Acerca do principal motivo da escolha de vir estudar no Brasil, constatou-se que 7 não tiveram opção; 3 referiram-se à facilidade do convênio; 2 devido ao custo financeiro; 1 fez referência ao idioma; 1 informou ser o Brasil referência no curso da sua escolha; 1 citou a cultura; outros dois não citaram os motivos. Esses dados ratificam alguns dos aspectos citados por Lima e Maranhão (2009) em relação aos fatores que influenciam o estudante na escolha do país destino.

Quanto aos cursos preferenciais dos pesquisados, os registros revelam uma relativa diversificação nas carreiras preferenciais. Percebeu-se um maior número de matriculados nos cursos de Ciências Econômicas, Ciência da Computação e Medicina, 3 indivíduos em cada; nas Ciências Sociais e Relações Internacionais, 2 matriculados por curso; em Agronomia, Arquitetura, Engenharia Mecânica e Odontologia, 1 matriculado



em cada curso. Na análise dos cursos preferenciais por grandes áreas de conhecimento<sup>3</sup>, a demanda por vagas se iguala nas Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e da Saúde com 4 indivíduos em cada; nas Ciências Exatas e da Terra, 3 matriculados; nas áreas de Ciências Agrárias e nas Engenharias, 1 indivíduo em cada.

Quanto ao motivo da escolha do curso verificou-se que 7 estudantes informaram não ter o curso escolhido em seu no país; nas opções “foi a única opção que eu tive”, e “por indicação de alguém” constatou-se 4 indivíduos para cada; nas escolhas “a UFU é uma referência de qualidade” e “outro motivo- não fui eu quem escolheu a UFU”, 1 indivíduo cada. Esses dados serão aprofundados em pesquisa posterior.

Para um melhor entendimento da configuração sócio-econômica familiar dos pesquisados foram efetuadas correlações, sobretudo a partir das variáveis de escolaridade e renda mensal. Constatou-se que na maioria, 10 estudantes, o grau de escolaridade do pai ou o da mãe variou de superior incompleto a doutorado.

**Tab. 1.** Distribuição do grau de escolaridade dos pais dos Estudantes Africanos ativos PEC-G (UFU 2007-2011)

<b>Grau de escolaridade do pai/mãe</b>	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>
Sem escolaridade/Alfabetizado.	1	1
Ensino Primário incompleto/completo ( 1ª a 6ª classe).	3	5
Ensino Secundário/Médio incompleto/ completo (7ª a 11ª classe).	1	0
Superior Incompleto/ completo.	6	8
Pós-Graduação	4	2
Não respondeu	2	1
<b>Total individual</b>	<b>17</b>	<b>17</b>

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados obtidos no questionário

O contexto econômico-social do Brasil e dos países africanos são diferenciados, nesse estudo preliminar não houve a pretensão de comparar as rendas no país de origem dos estudantes através da paridade do poder de compra (PPP). Buscou-se apenas comparar a renda mensal familiar assinalada pelos estudantes com a cota obrigatória

<sup>3</sup> Cf. Áreas de Conhecimento do CNPq. As grandes áreas são: 1- Ciências Exatas e da Terra; 2 – Ciências Biológicas; 3 – Engenharias; 4 – Ciências da Saúde; 5 – Ciências Agrárias; 6 – Ciências Sociais Aplicadas; 7 – Ciências Humanas; 8 – Linguística, Letras e Artes, 9 – Outros. Disponível em <<http://www.cnpq.br/areas/tabconhecimento/index.htm>>. Acesso em: Abril de 2011.



(US\$ 300) que estes ou seus familiares se comprometem para a sua manutenção mensal, no entendimento de que essa renda pode ser um indicativo.

Dessa forma, quanto à renda familiar mensal dos estudantes, observou-se que 6 assinalaram renda até US\$300; 2 situaram-se na faixa entre US\$301 a US\$500; 1 indicou a faixa de US\$501 a US\$800; três de US\$801 a US\$1000; e 5 mencionaram uma faixa acima de US\$1000 mensais. Nesse sentido, constatou-se que a maioria (11 deles) informou uma renda familiar mensal acima da faixa da cota obrigatória, e ao se comparar a renda familiar declarada e a Declaração de Responsabilidade nas despesas dos estudantes, os dados demonstram que estes estudantes estão dentro dos requisitos do Protocolo do Programa, onde deverão apresentar declaração de solvência financeira de US \$300 dólares mensalmente.

Quanto aos principais responsáveis pelo sustento da família, 5 responderam serem os pais (pai e mãe juntos); 4 citaram pai ou mãe individualmente com maioria para pai; seis referiram-se a outros parentes.

Na correlação entre o grau de escolaridade e renda familiar mensal, ficou evidenciado que famílias cujos progenitores têm maior grau de escolaridade apresentaram uma maior renda mensal. Portanto, os dados remetem a questão do capital social e, nesse sentido, um melhor nível de escolaridade dos pais tem papel fundamental no processo de investimento na educação da geração posterior e na reprodução, de geração a geração, e o volume do capital social acumulado.

Ao ser verificado o número de irmãos, percebe-se que a maioria está inserida em famílias extensas, 13 dos entrevistados declararam ter quatro ou mais irmãos, aspecto que resulta dos altos níveis de fecundidade que prevalece na África.

As informações da inserção dos estudantes nos espaços social e institucional convergem para o entendimento das suas experiências no destino após a decisão de migrar. Ao serem abordados sobre a influência da proximidade da Universidade na escolha do local de residência, 13 confirmou ter sido este o motivo da escolha, o que nos dá um indicativo de busca por diminuição de gastos com deslocamento e despesas com transporte. Também, foi constatado que a maior parte dos estudantes reside em domicílios coletivos, com amigos, compartilhando despesas com moradia e



alimentação, o que ratifica a busca por diminuição de gastos anteriormente citada; e apenas um respondente afirmou morar de favor sem condições de dividir despesas.

Quanto as despesas mensais dos respondentes aqui no Brasil (incluindo alimentação, moradia, vestuário, material acadêmico, transporte, etc.), a maioria, 9 estudantes citou uma faixa equivalente à R\$ 301,00 a R\$ 900,00; 5 até R\$ 300,00; e 3 entre R\$ 901,00 a R\$ 1.500,00. Desses estudantes, observou-se que 11 são mantidos pelos pais/mãe; 5 por parentes; e apenas 1 estudante declarou receber ajuda econômica do governo do seu país. Percebe-se nesses dados, que a responsabilidade financeira é partilhada dentro da própria família para manter o estudante aqui no Brasil.

Em relação às dificuldades do estudante em se manter economicamente na Universidade, 10 relataram que eventualmente têm dificuldades; 4 referiram-se a dificuldades permanentes; 2 afirmaram não ter dificuldades atualmente; apenas 1 respondeu nunca ter tido dificuldades.

Ao observarem-se os dados referentes a utilização de recursos financeiros oriundos da universidade, 9 estudantes negaram a utilização; 6 utilizam a bolsa alimentação no restaurante universitário; outros resultados não foram significativos.

Ao serem correlacionados os dados: renda mensal da família / escolaridade dos pais / faixa equivalente de despesa mensal do estudante / dificuldades financeiras dos estudantes, observou-se que há uma equivalência entre as respostas, donde se subentende mais uma vez a correspondência entre as outras formas de capital e acúmulo de capital social.

As informações sobre cultura, lazer e sociabilidade são importantes para o entendimento dos mecanismos de adaptação dos estudantes africanos no contexto local. Assim, em questão aberta, buscou-se apreender quais suas principais expectativas em relação à vinda para o Brasil. Dentre os pesquisados, 12 relacionaram as suas respostas a uma possibilidade de boa formação; 2 além de relacionar à formação inseriram também a cultura como fonte de conhecimento; 1 referiu-se a possibilidade de manutenção das amizades que fez no Brasil; outros 2 não responderam. Importante salientar que a maioria dos respondentes afirmou que estas expectativas estão sendo atendidas; apenas 3 estudantes indicaram o não atendimento às suas expectativas, devido às dificuldades decorrentes ao próprio desempenho acadêmico.

Em busca da percepção da cultura buscou-se entender na ótica dos pesquisados três dos pontos de semelhança e de divergência entre o Brasil e o país de origem. As respostas foram agrupadas em categorias. Em relação às semelhanças, aspectos sócio-culturais foram citados em todas as respostas. Quanto aos pontos mais divergentes, aspectos culturais, econômicas e educacionais apareceram com maior frequência; divergências sociais foram citadas como 2ª categoria de maior frequência; outras respostas foram listas na categoria outras, conforme quadro 2 abaixo.

**Quadro 2.** Principais pontos semelhantes e divergentes que os Estudantes Africanos ativos no PEC-G UFU 2007-2011, vêm entre o Brasil e o seu país de origem

Categoria	Pontos semelhantes	Nº	Categoria	Pontos divergentes	Nº
Sócio-cultural	Estilo social e pessoas semelhantes; Povo parecido; países irmãos; tradição da população negra (Bahia).	12	Cultu-ral	Comida; Convivência; Cor/Raça; Cultura; Hábitos; Modo de falar; Vestuário	7
	Comida; agricultura (cultivo da mandioca)	5	Econômica	Aqui paga-se muito imposto; custo de vida aqui é alto; Salário mínimo aqui é mais alto; Desenvolvimento; Mais oportunidades de trabalho; A moeda; Salário Mínimo	7
	Vestuário	1	Educa-cional	Acesso ao ensino superior; Facilidade de aprender outras línguas; Forma de Avaliação; Intercâmbio	7
	Acolhimento; Hospitalidade do povo; A recepção	4	Social	Comportamento do aluno na sala de aula; Convivência entre vizinhos; Diferença social; Relação dentro de uma família; Criminalidade e corrupção; Criminalidade	6
	Língua portuguesa	8	Outras	Desenvolvimento; Trânsito; O tamanho; Política do país; Homossexualismo; Sistema de namoro (ficar)	6
	Mulheres	1	Saúde	Questão da saúde nos hospitais	1
	Religiões	1			
Moradia e urbanização	1				

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados obtidos no questionário

A diversidade das respostas entre pontos divergentes e semelhantes fornece um indicativo de que os estudantes pesquisados têm conseguido visualizar o contexto da vida cotidiana no qual estão inseridos. Nas divergências pode-se perceber o “olhar turista”, referenciado por Giddens (2005), a partir da concepção de John Urry, revelando a percepção do mundo que o rodeia em relação ao que é normal, familiar e diferente.

Quando solicitados a citar três das dificuldades que enfrentam para viver no Brasil, os estudantes elencaram dificuldades que foram dispostas em categorias para melhor visualização dos dados: 8 das respostas referiram-se a dificuldades financeiras; 6



respostas foram relacionadas à família e à cultura; 5 respostas referiram-se a dificuldades sociais; 2 respostas relacionadas às dificuldades do ensino.

No que se refere aos três principais aspectos que facilitam a vida do estudante no Brasil, as respostas foram agrupados por semelhança. Observou-se na maioria (7 respostas) a língua como aspecto mais evidenciado, o que pode ter contribuído para a escolha e permanência do estudante no país para estudar; a comunicação via internet apareceu como um importante facilitador com 4 respostas; também foram citados os aspectos financeiros e a convivência, 3 respostas para cada. Três dos questionados responderam que não existe nenhum aspecto que facilita as suas vidas no Brasil.

Quanto ao estudante já haver ficado doente durante a estadia no Brasil, a maior parte, 15 estudantes, respondeu afirmativamente. A maioria destes utilizou recursos da saúde existentes no município, o que dá um indicativo de iniciativa e interação social; apenas dois não recorreram aos serviços.

Na inserção nos espaços, intra e extra-acadêmico como mecanismo de adaptação dos estudantes africanos a constituição de redes sociais é fundamental na aquisição de capital social. Ao verificarmos se os estudantes têm amigos brasileiros a resposta foi afirmativa para todo o universo pesquisado. Na complementação da resposta, observou-se que a maioria dos estudantes africanos mantém amizades com colegas da UFU; 5 afirmaram também ter amigos na vizinhança; e 5 em outros locais não especificados.

Foi percebido que existe sociabilidade entre os estudantes africanos que costumam se reunir com outros de seus países de origem e de nacionalidades diferentes o que reforça os laços de solidariedade e a socialização. Dados confirmados a partir de questão de múltipla escolha, onde foram solicitados a citar três atividades que costumam fazer nas horas vagas, nas respostas todos citaram participar de alguma atividade extra domicílio; e a maioria afirmou sair com amigos africanos e/ou colegas da universidade além de participarem de atividades culturais e desportivas.

Quanto ao perfil cultural do grupo em relação às atividades preferidas para o lazer, o cinema apareceu como atividade artístico-cultural com maior número de respostas; uma preferência menor para shows musicais e/ou concertos, alguns indicaram dança ou espetáculos teatrais.



O quesito ter uma religião foi respondido afirmativamente por 16 dos pesquisados. O cristianismo teve prevalência nas respostas (cristã católica, cristão, cristão - protestante metodista e evangélica); 01 respondente referiu-se pertencer ao islamismo e outro se identificou como mulçumano.

Finalmente, através de questão aberta, os estudantes foram solicitados a hierarquizar as suas respostas em relação ao que mais sente falta do seu país de origem. As respostas foram agrupadas, e hierarquizadas nas categorias: família; afetividade; e hábitos e costumes. Os resultados demonstram que embora nem todos tivessem apontado a família como 1ª opção, esta categoria está presente em maior número de indicações tanto no primeiro, segundo ou terceiro lugar, o que aponta a família maior relevância. A afetividade (incluiu carinho, atenção, amigos) foi elencada como a segunda categoria a ter mais indicações. Outras respostas ligadas ao cotidiano do país (comida, lazer, convivência), agrupadas em hábitos e costumes, apareceram como a categoria do terceiro lugar.

#### 4 CONCLUSÕES

A internacionalização da educação superior como resposta ao mundo globalizado tem na mobilidade internacional um papel central por promover maior interação e compreensão das diferenças sócio-culturais entre atores de diversos países. A análise aqui desenvolvida com os estudantes africanos “acendeu luzes” sobre a dinâmica das suas percepções, experiências, formação de redes sociais.

Os resultados elucidam o papel da família responsável por proporcionar o capital financeiro e o cultural, contribuindo na criação do acúmulo de capital social que impulsiona o projeto de migrar, e ajuda aos estudantes a permanecer no país destino e completar a formação acadêmica.

Também apontou a capacidade desses estudantes interagirem e se integrarem nas suas relações sociais, e a existência de vínculos amizade e de ajuda mútua e solidária nos aspectos econômicos e sociais. A partir das suas percepções coletadas da vida cotidiana foi possível entender que os aspectos sócio-culturais foram fatores relevantes na aproximação entre o Brasil e esses estudantes.



Entretanto, foi na análise das divergências citadas nas categorias cultural, econômica, educacional, social, saúde e outras que se pode identificar o “olhar do estrangeiro” relatado por Simmel (2005), cuja objetividade se constitui numa estrutura particular composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento, portanto, em condição de ser mais justo.

Importante ressaltar, mais uma vez, o aspecto embrionário desse estudo cujos resultados se aplicam apenas ao universo pesquisado, não podendo ser generalizado, mais contribuirão para o aprofundamento da temática proposta.

## REFERÊNCIAS

BAECHLER, J. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, R. et al. **Tratado de Sociologia**. Tradução de Teresa Curvelo; revisão técnica de Renato Lessa. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995. 604 p. Tradução de: *Traité de sociologie*.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: marina Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Le capital social**. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 31, janvier 1980. pp. 2-3. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_1980\\_num\\_31\\_1\\_2069](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069)>. Acesso em: 15 mai. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Acesso à Universidade - Estudante estrangeiro**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br>>. Acesso em: 16 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. **Manual do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação / PEC-G**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 mai. 2011.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005 (pp.81-100).

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. **Reflexões (ainda) necessárias acerca da mobilidade estudantil**. Disponível em: <<http://www.inpeau.ufsc.br>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

MIURA, I. K. **O Processo de Internacionalização da Universidade de São Paulo: Um Estudo em Três Áreas de Conhecimento**. 2006. 365 f. Tese (Professor Livre Docente) – Departamento de Administração, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses>>. Acesso em: 05 abr. 2010.

SANTOS, B. S. (org.). **A globalização e as Ciências Sociais**. 2. Ed. São Paulo: Cortez: 2002. 572 p.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

17

SIMMEL, G. **O estrangeiro**. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. Universidade Federal da Paraíba, vol. 4, n. 12, dezembro de 2005. João Pessoa: GREM, 2005. Tradução de: Soziologie. Berlim, Duncker e Humblot Editores, 1908, pp. 509 a 512. Disponível em: <<http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com>>. Acesso em: 17 set. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Estudantes do PEC-G da UFU**. Disponível em: <<http://www.dri.ufu.br>>. Acesso em: 20 mai. 2011.